

Seis meses sobre o fio da navalha: tudo pode acontecer

6 SET 1989

GAZETA MERCANTIL

Edmundo Klotz

Em seis meses tudo pode acontecer. Principalmente quando se anda sobre o fio da navalha. Esse é o tempo que o País precisa para mudar de mãos. A posse do novo presidente da República pode até não significar, de imediato, mudanças profundas nos rumos políticos e econômicos.



Até lá, porém, muitas dificuldades terão de ser vencidas. A começar pelo desafio de sustenção de um índice inflacionário em patamares suportáveis e capazes de promover a mudança governamental em um clima de razoável tranquilidade.

É evidente que o governo está usando suas últimas cartadas para administrar a economia do País. O Banco Central adota a política de remunerar os títulos do governo com taxas de juros muito elevadas, para aplicações de curto prazo, como estratégia para evitar a especulação em dólar, o descontrole de preços e a explosão inflacionária. A questão é a de saber se, efetivamente, essa política provoca mais danos que benefícios ao conjunto econômico.

A composição dos custos do setor de alimentos demonstra, por exemplo, que a política de juros altos está a provocar efeitos danosos sobre os preços ao consumidor. Além de seus custos e dos repasses provenientes dos aumentos de matérias-primas e embalagens, a indústria arca com custos financeiros elevados. Não é estranho verificar-se que um produto com um custo industrial por volta de 50 cruzados novos chegue ao consumidor com um preço de até 120 cruzados novos.

Se de um lado a política de altos juros provoca ele-

vados preços finais ao consumidor, o que se tem observado é que, nem por isso, a demanda tem refluído. A explicação é que parte das poupanças está sendo canalizada para o consumo. Os ganhos com a especulação aquecem a demanda. Com os dissídios coletivos, iniciados a partir de setembro, prevê-se recuperação do poder de compra do assalariado e, evidentemente, maior esquentamento do consumo. Com a continuidade da política de juros altos tem-se a equação que permite inferir uma forte tendência para a explosão inflacionária.

Diante desse quadro, não podemos ficar inertes. Em primeiro lugar, ao empresário cabe refletir sobre suas decisões de aumentos de preços. Será imprudente qualquer iniciativa de aumento de custos acima dos níveis da inflação oficial. O País está a exigir, nessa quadra particularmente difícil, bom senso e espírito cívico.

Além da gravidade do momento, é preciso considerar a desastrosa consequência que a política de juros altos acarretará para o setor industrial. Canalizando seus recursos para o mercado financeiro, a título de ganho no curto prazo, a indústria simplesmente desvia estratégicos investimentos no setor produtivo. Agindo dessa forma, condena-se à obsolescência e ao sucateamento. Os efeitos no longo prazo, não há dúvida, aparecerão com toda a força. E serão devastadores para os negócios.

O País, ademais, não agüentará a continuidade dessa política econômica. Não se trata de apregoar a catástrofe, até porque acreditamos sinceramente na capacidade de retomada do crescimento econômico e no imenso potencial da economia brasileira.

Edmundo Klotz é presidente da Associação Brasileira das Indústrias da Alimentação.